

O discurso masculino nos contos de fadas: uma abordagem além da fantasia

Albenize De Fátima Pinheiro Maciel¹
 Maria de Fátima Costa de Sousa²

RESUMO: este artigo aborda o discurso do gênero masculino nos contos de fadas “Rapunzel” de Hans Christian Andersen, “A Princesa Real” e “A Roupa Nova do Rei” de Jakob e Wilhelm Grimm, respectivamente, fazendo um estudo entre os personagens, atentando para a construção de representações deste gênero. Concluiu-se que os discursos empregados nos contos em questão possuem vestígios da concepção patriarcal, mas não totalmente, haja visto em alguns momentos essa concepção ser desmistificada por meio das atitudes dos personagens dos contos. Para essa discussão foram utilizadas as teorias de Orlandi (2009) e Abramovich (1997).

Palavras-chave: Contos de fadas, Discurso masculino, Concepção patriarcal, Gênero.

Introdução

O presente artigo trata a respeito do discurso do gênero masculino nos contos de fadas “Rapunzel” de Hans Christian Andersen, “A Princesa Real” e “A Roupa Nova do Rei” de Jakob e Wilhelm Grimm, sendo assim, será exposta uma análise discutindo a forma como o ser masculino é representado nestes contos.

Sendo assim, serão expostos conceitos e argumentos acerca do campo teórico do presente trabalho, a respeito do surgimento dos contos de fadas, suas características. No decorrer do trabalho menciona-se teorias e ideias referindo-se a análise do discurso e posteriormente é formulado comentários em relação ao discurso masculino e as transformações ocorridas com o passar dos tempos considerando o papel masculino na sociedade.

Posteriormente é realizada a análise do discurso de gênero masculino nos contos de fadas estudados, na qual é observada por meio da perspectiva simbólica que constrói e desconstrói o ser masculino mediante a concepção patriarcal, desta forma é exposta também a construção simbólica da família nos contos, uma vez que a instituição familiar vem passando por grandes transformações no que diz respeito a sua estrutura e aos papéis desempenhados por cada gênero, em seguida é formulada a problemática de gênero, ou seja, são discutidas as funções de cada gênero na sociedade contemporânea.

¹Especialista em Linguagens e Culturas da Amazônia / Universidade Federal do Pará – UFPA / campus de Bragança. albenize.maciell@yahoo.com

²Especialista em Linguagens e Culturas da Amazônia / Universidade Federal do Pará – UFPA / campus de Bragança. fatinhasousa2009@hotmail.com

Os Contos de Fadas

As características fundamentais de um conto de fadas, são as mágicas e os encantamentos; outro aspecto importante é a presença ou não de fadas; seu contexto temático geralmente é o herói ou a heroína em busca da satisfação particular. Abramovich a respeito dessas características discute: “Cada elemento dos contos de fadas tem um papel significativo, importantíssimo e, se for retirado, suprimido ou atenuado, vai impedir que a criança compreenda integralmente o conto.” (ABRAMOVICH, 1997, p.121). Entretanto, vale ressaltar que anteriormente os contos de fadas não possuíam estas particularidades expostas, pois eles eram destinados a adultos e abordavam temas como adultério, canibalismo, incestos, morte, entre outros. Foi apenas no fim do século XVII e por volta do século XVIII através da Revolução Francesa³ que houve a decadência destes preceitos, dando margens à exaltação do sonho e da fantasia, sendo assim diversos conceitos são dados para definir os contos de fadas na atualidade, mediante a isso a autora ABRAMOVICH os define assim:

(...) os contos de fadas estão envolvido no maravilhoso, um universo que denota a fantasia, partindo sempre de uma situação real, concreta, lidando com emoções que qualquer criança já viveu... Porque se passa num lugar que é apenas esboçado, fora dos limites do tempo e do espaço, mas onde qualquer um pode caminhar... Porque os personagens são simples e colocados em inúmeras situações diferentes, onde têm que buscar e encontrar uma resposta de importância fundamental, chamando a criança a percorrer e a achar junto uma resposta sua para o conflito... (ABRAMOVICH, 1997, p.120)

Constata-se, portanto, que na atualidade o conto de fadas é um gênero textual bastante conhecido, em função de inovações tecnológicas estes são transformados em filmes, livros digitais, desenhos animados, entre outros, sendo assim os autores criam e recriam os mesmos. Verifica-se, deste modo que as estruturas do enredo quase sempre seguem os padrões convencionais, os quais são demonstrados nos principais contos de fadas como: Branca de Neve e os Sete Anões, A Bela Adormecida, A Bela e a Fera, Cinderela e Rapunzel.

Contudo, o gênero textual abordado expõe implicitamente modelos de indivíduos, os quais compõem uma sociedade que sentencia protótipos a serem fielmente imitados. Por isso os contos de fadas acabam retratando o que a sociedade define, além disso, os mesmos entrelaçam em seus enredos problemas sociais e relações conflituosas. As representações contidas nos contos de fadas são capazes de instituir modos de condutas de homens, mulheres, crianças e jovens, por meio de seu discurso. A seguir será frisado do discurso.

³ A Revolução Francesa ocorreu quando a Europa passava por grandes transformações em meados dos séculos XVII e XVIII. Mais informações em: <http://www.revistadehistoria.com.br>.

O que é o discurso?

O discurso está presente nos mais variados lugares desde uma simples propaganda a uma reportagem, ele é um elemento por meio do qual o sujeito transmite palavras carregadas de sentidos móveis. Sendo assim, segundo o filósofo francês Michel Foucault⁴ (1996), o dizer é ajustado, escolhido, tendo a palavra a capacidade de instituir o que é dito. O autor busca demonstrar as perspicácias as quais constituem os discursos, determinando o que pôde apreciar o domínio que as palavras possuem, focalizando em alguns momentos consentir o dizer, em outro momento o exclui, evidenciando como o discurso é controlado e delimitado. Como ainda é afirmado por Orlandi em:

Esse dispositivo tem como característica colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras. (ORLANDI, 2009, p.59).

Nesse sentido, é válido dizer que o discurso, segundo Foucault (1996), não é puramente, ou não é absoluto, porém é como o seu exterior, e está sempre em acesso de ser recomposto, infringido, contrário ou consertado. Portanto a escrita se dar dessa forma, “que está sempre a desaparecer”.

O sentido do discurso não é determinado, pois este se acha sempre livre para a perspectiva de observação do seu receptor, uma vez que o contexto, a estética e a maneira de construção do mesmo podem ser diferentes de acordo com a concepção de cada ouvinte. Então mediante ao referido, nota-se que o texto é a unidade a qual o examinador (ouvinte) começa seus estudos e logo é inevitável perceber a presença de um discurso, como expõe Orlandi:

O texto é a unidade que o analista tem diante de si e da qual ele parte. O que faz ele diante de um texto? Ele o remete imediatamente a um discurso que, por sua vez, se explicita em suas regularidades pela suas referências a uma ou outra formação discursiva que, por sua vez, ganha sentido porque deriva de um jogo definido pela formação ideológica dominante naquela conjuntura. (ORLANDI, 2009, p.63).

Ainda, é válido ressaltar que o texto é um componente de análise o qual não se esgota, visto que por mais explorada que seja sempre haverá informações novas como comenta Orlandi em “o discurso, por princípio não se fecha. É um processo em curso. Ele não é um conjunto de textos mas uma prática.” (ORLANDI, 2009, p.71). Além disso, o autor afirma que não se pode aceitar o texto como começo e fim incondicional, ou seja:

⁴ Michel Foucault nasceu em Poitiers no dia 15 de outubro de 1926 e em 1945, com o fim da Guerra passa a morar em Paris, seu primeiro mentor foi o Padre De Montsabert, do qual herdou seu gosto pela história, além disso, era um autodidata e adorava ler. Mais informações em: <http://www.infoescola.com/psicologia/michel-foucault/>.

Na análise do discurso, não se toma o texto como ponto de partida absoluta (dadas as relações de sentido) nem de chegada. Um texto é só uma peça de linguagem de um processo discursivo bem mais abrangente e é assim que deve ser considerado. Ele é exemplar do discurso. (ORLANDI, 2009, p.72)

Desta maneira, o conceito de discurso pode ser basicamente definido como uma estrutura linguística acoplada ao contexto social no qual a obra ou texto são desenvolvidos. Portanto, as concepções contidas em um discurso são inteiramente deliberadas pela situação político, social e cultural vivida pelo autor, para Orlandi esses itens representam a historicidade.

A partir disso uma análise textual, ou seja, uma análise do discurso faz parte do campo da linguística no âmbito da comunicação e consiste em um diagnóstico contextual da construção discursiva e desta forma compreende o mecanismo ideológico presente no mesmo. Como afirma Fiorin:

O discurso transmitido contém em si, como parte da visão de mundo que veicula um sistema de valores, isto é, estereótipos dos comportamentos humanos que são valorizados positiva ou negativamente. Ele veicula os tabus comportamentais. (FIORIN, 2001, p.55).

A análise do discurso surgiu a partir da junção dos conceitos da Psicanálise, Linguística e do Marxismo, porém ela não adota fielmente nenhuma das ideias propostas pelas áreas que a compõe, visto que ela pretende ir além dos limites que estas instituem, estabelecendo outro objeto de estudo, ou seja, o discurso.

Quando se faz uso da interpretação se está preso em um significado, por isso, é necessário compreender e procurar uma explicitação nos processos semânticos, ou seja, abrir possibilidades para outros sentidos presentes. É válido ressaltar, que o discurso não é fala, visto que aquele possui sua simetria, portanto, a língua é o instrumento que possibilita o discurso, como afirma Orlandi:

O discurso não compreende à noção de fala pois não se trata de opô-lo à língua como sendo esta um sistema, onde tudo se mantém como sua natureza social e suas constantes, sendo o discurso, como a fala, apenas uma sua ocorrência casual, individual, realização do sistema, fato histórico, a-sistemático, com suas variáveis etc. O discurso tem sua regularidade, tem seu funcionamento que é possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto. (ORLANDI, 2009, p.22).

Mediante ao que foi abordado, percebe-se que existem diversos textos na sociedade, os quais apresentam um forte discurso referente aos mais variados assuntos, entre eles mencionam-se os contos de fadas, cujo já foi comentado, que entrelaçam em seu enredo fantasioso o discurso de boa conduta social para os indivíduos.

O Discurso Do Gênero Masculino

Desde sempre se sabe que homens e mulheres têm diferenças físicas, biológicas e psicológicas. Em função disso a sociedade dividiu os papéis que destinaria a cada gênero, os homens precisariam ser os provedores, ou seja, o ponto principal da família “o sexo forte”, os mesmos eram apresentados como os emissores de posturas racionais, deles viriam os conceitos e cargos culturais, políticos e sociais e, as mulheres, por sua vez, constituíam o lado carinhoso. Nessa perspectiva, os seres do sexo feminino e masculino desde a infância notavam as suas posições na sociedade, como afirma Vidal em:

Não nascemos homens e mulheres, mas nos tornamos homens e mulheres. Desde muito cedo, vamos ocupando e/ou reconhecendo nossos lugares na sociedade e aprendemos isso em diferentes instâncias do social, através de estratégias sutis, refinadas e naturalizadas que são, muitas vezes, difíceis de reconhecermos. (VIDAL, 2008, p.02).

Fica cada vez mais difícil, contudo, reconhecer o papel dos homens, devido à independência feminina que foi conquistada gradativamente nos últimos séculos começando nos anos de 1960 e 1970 quando vários grupos de mulheres, gays, lésbicas, etc., antes não reconhecidos socialmente, lutaram para legitimação de seus valores. A partir daí foi diminuindo o pensamento patriarcal que se perpetuou e predominou por muito tempo, Lins assim define esse pensamento:

O patriarcado é uma organização social baseado no poder do pai, e a descendência e parentesco seguem a linha masculina. As mulheres são consideradas inferiores aos homens e, por conseguinte, subordinadas à sua dominação. Superior/inferior, dominador/dominado. A ideologia patriarcal dividiu a humanidade em duas metas, acarretando desastrosas conseqüências. É evidente que a maneira como as relações entre homens e mulheres se estruturaram – dominação ou parceria – tem implicações para nossas vidas pessoais, para nossos papéis cotidianos e nossas opções de vida. Da mesma forma influencia todas as nossas instituições, valores e a direção de nossa evolução cultural. (LINS, 1997, p. 32).

Tendo em vista isso, incontáveis questionamentos surgem para analisar como dar-se esse discurso patriarcal, o qual apesar da liberação feminista, ainda é muito presente em situações cotidianas, as quais difundem pensamentos estereotipados em que os homens devem ser sempre típicos heróis de contos de fadas devidamente carregados de suas características. Como afirma Machado em: “A própria tradição patriarcal impõe a formação do homem com característica como ser forte, macho, valente, audacioso. Qualquer indício de feminilidade na personalidade masculina pode ser considerando falta de virilidade.” (MACHADO, 2008, p. 13).

Além desses aspectos, é perceptível que estes estereótipos contribuem para a formação da identidade masculina, visto que por diversas vezes os homens agem em consonância com estes

conceitos sem mesmo questionar o porquê, desde a infância são cobrados e forçados a concordar e comportar-se desta maneira. Como comenta Bourdieu:

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres. (BOURDIEU, 1999, p. 18).

Essa ideologia é transmitida entre as gerações por meio de diversos elementos, um deles são os contos de fadas, que como já vimos existem desde muito tempo e contém em suas narrativas intencionalidades implícitas as quais, na grande maioria, pretendem instituir formas de comportamento, atitudes e virtudes que todos deverão “obrigatoriamente” adquirir. Dessa forma, os contos de fadas contribuem bastante para a formação dos gêneros masculinos e femininos, como afirma a autora Arguello (2005) ao dizer que as histórias infantis não – sexista nos seus textos, também carregam representações, que poderão produzir seus efeitos sobre os sujeitos.

O Discurso Do Gênero Masculino Nos Contos Clássicos

Aqui, anseia-se discutir de modo expositivo algumas especificidades referentes aos príncipes, reis, padrastos e outros que compõe o ser masculino desse gênero, a fim de proporcionar uma reflexão geral de como é introduzido implicitamente os padrões de comportamento nestes textos.

Tendo por base os principais⁵ contos de fadas realizou-se então uma análise geral destes e dos personagens do gênero masculino, pois suas representações masculinas são estereotipadas de acordo com o pensamento patriarcal, haja vista que os “príncipes, reis, padrastos entre outros” usualmente possuem atitudes dominantes em relação às mulheres, visto que geralmente as princesas e rainhas devem obediência aos homens, sendo assim, elas não podem tomar as decisões antes de falar com os mesmos. Porém abre-se uma exceção, as raras vezes em que um personagem do gênero feminino é representado com independência são interpretadas por bruxas, rainhas malvadas, madrastas perversas, dentre outras, deixando transparecer que as mulheres de boa índole não devem ser autônomas e acima de tudo que o homem é a “cabeça” o ser pensante, racional, coerente, lógico o qual certamente tomará as deliberações cabíveis e sem margem de erros.

⁵ A Pequena Sereia, Cinderela, Branca de Neve e os Sete Anões, A Bela Adormecida, A Bela e a Fera, Aladim e a Lâmpada Maravilhosa.

Outro aspecto, que é bastante salientado na maioria das narrações dos contos de fadas é a inteligência e a perspicácia dos homens, os quais usualmente são “componentes chaves” para o desfecho da história ou elementos principais, pois é típico dos príncipes e reis obterem ideias geniais, para resolver algum conflito, ressaltando mais uma vez que os homens são seres racionais.

Mais um enfoque no que concerne às figuras dramáticas é a possibilidade do personagem principal ser feminino, quando isso acontece, sua participação é direcionada para a consolidação do matrimônio, comumente são representadas inconscientes, passivas, adormecidas, prisioneiras, vítimas e somente a partir do casamento irão ter uma vida reconhecida e digna e o príncipe, por sua vez, simboliza essa estabilidade e a passagem para uma condição melhor, não só financeiramente, mas em termos de afeto também, aliás, os príncipes e reis habitualmente têm uma postura bastante romântica, o que os fazem ser desejados, almejados e alvo dos sonhos de todas as mulheres, apesar disso ocorre ainda a existência de personagens masculinos os quais não são românticos, contudo representam o homem em sua perspectiva mais viril.

Além disso, nota-se que os personagens em questão sempre são descritos como jovens, bonitos, fortes, altos e brancos, instituindo assim padrões de beleza, os quais já eram evidentes na época em que foram escritos, visto que o aspecto físico era e é de fundamental importância haja vista ser sinônimo de bem estar, riqueza e estrato social.

Deste modo, a coragem igualmente é uma característica simbólica e pertinente, pois alguns dos personagens masculinos compartilham desta virtude, visto que se deparam com situações cujas precisam salvar as mocinhas, lutar com dragões ou combater bruxas, são exemplos claros disso. Portanto, subentende-se mediante a essa composição do enredo dos contos de fadas que os homens devem ser corajosos, pois os mesmos são predeterminados a ser o eixo principal da família e por isso não podem ser fracos, medrosos e incapazes de proteger aqueles que dependem deles.

E eles apresentam-se em alguns contos como fortes tanto no aspecto físico como no mental, pois ter vigor fisicamente representa a segurança para quem estiver ao seu lado, assim, sendo robusto poderá proteger quem quiser dos perigos existentes, por outro lado é necessário ser forte mentalmente, pois não é comum haver registros de príncipes enlouquecidos, com ataque de nervos ou até mesmo chorando; nas poucas ocasiões em que descreve-se um ser masculino chorando, nos contos de fadas, é por motivos extremos, ou seja, a morte de uma filha, de sua esposa ou a decadência de seu reino.

Outro fato que desperta interesse é o caráter incontestável dos personagens masculinos, eles são quase sempre incapazes de cometer atitudes incorretas, desonestas e injustas e, se estes

por acaso praticarem alguma ação que contrapõe esses valores, provavelmente são porque precisam defender as pessoas que amam.

Portanto, torna-se perceptível que a maioria dos contos de fadas deixam transparecer uma visão de homem perfeito, intocável, superior chegando até as margens de um homem divino incapaz de fracassar, errar, ter medo, mentir, ser egoísta e que faz muito bem seu papel.

Mediante a isso, as representações do gênero masculino em grande parte dos contos de fadas possuem definições e materialidade na linguagem. Essas representações são estabelecidas socialmente e distribuídas pelos indivíduos, pois elas foram produzidas a partir da realidade e para conduzir a mesma. Com isso, observa-se as características dos príncipes e reis, os quais retratam culturalmente como os homens “devem” ou “deveriam” pensar, agir e viver Bettelheim afirma que: “Os contos de fadas, diferentemente de qualquer outra forma de literatura, direcionam a criança para a descoberta de sua identidade e vocação, e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter.” (BETTELHEIM, 2008, p. 34).

Construções Simbólicas Do Ser Masculino

Neste tópico será feita a análise acerca do gênero⁶ masculino nos contos em questão baseando-se em Orlandi, o qual expõe que:

A análise do discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana. (ORLANDI, 2009, p.15)

Logo, nestes contos pode-se verificar como são repassadas as “mensagens” entrelaçadas nos enredos, as quais inconscientemente são transmitidas para seus leitores. É preciso, ainda ressaltar que estes contos foram escritos em tempo e espaço diferentes do contexto atual e por isso refletem o pensamento da época, porém não deixam de reproduzir conceitos no grupo social contemporâneo. Sendo assim, tem-se consciência que a sociedade e seus costumes transformam-se constantemente.

Deste modo, os personagens masculinos que serão utilizados como suportes para a análise deste trabalho são o Rei, os Trapaceiros e os Ministros encontrados no conto “A Nova Roupas do Rei”, o Pai de Rapunzel e o Príncipe do conto “Rapunzel”, e ainda o Rei e o Príncipe presentes no conto “A Princesa Real”.

Observou-se, que os contos de fadas são repletos de significados simbólicos, os quais são informações contidas no meio social em que são compartilhadas coletivamente e por sua vez

⁶ O conceito de gênero encontra-se no item “Problemáticas de Gênero Masculino” p. 49.

é entendida de forma a repassar experiências humanas, estabelecendo uma distinção que era e continua sendo consolidada por símbolos e mitos, os quais são entendidos como formas de composição e do imaginário social utilizando o santificado e os acontecimentos naturais para esclarecer sistemas de comportamentos do meio. Segundo Viera e Weber:

Através [de] padrões historicamente transmitidos de significações compartilhadas e corporificadas em símbolos e instituições (crenças e mitos, valores e normas, formas mais elaboradas de conhecimento...), os seres humanos elaboram e consolidam sua base de conhecimentos, suas atitudes e estratégias de comportamento, sempre às voltas com as coações estruturais impostas pelo meio ambiente natural. (VIERA e WEBER, 1997, p. 26)

Logo, os contos de fadas são permeados destas construções e “os contos de fadas são a experiência mais pura e mais simples dos processos psíquicos do inconsciente coletivo. [...] eles representam os arquétipos na sua forma mais simples, plena e concisa” (FRANZ, 1981). Portanto, os contos de fadas são escritos com a mesma linguagem, ou seja, a linguagem simbólica, a qual Segundo Fromm é:

uma língua em que as experiências íntimas, os sentimentos e os pensamentos são expressos como se fosse experiências sensoriais, fatos do mundo exterior. É uma linguagem cuja lógica difere da linguagem convencional que falamos de dia, uma lógica que as categorias dominantes não são o espaço e o tempo, mas sim a intensidade e a associação. É o único idioma universal jamais criado pela raça humana, o mesmo para todas as criaturas e para todo o curso da história. (FROMM, 1962, p.16)

Mediante ao abordado percebe-se a importância de identificar as representações simbólicas no contexto social atual e assim também distinguir essas representações referindo-se aos gêneros (masculino e feminino), pois torna-se cada vez mais necessário discutir as construções e desconstruções que permeiam as concepções dos gêneros.

O Ser Masculino Em Uma Perspectiva Patriarcal

Em uma abordagem contextual, observa-se no conto “A Roupas Nova do Rei” conflitos entre as atitudes dos personagens masculinos, como a vaidade do Rei, a qual representa a posição social pertencente, ou seja, a classe dominante. Como em: “Era uma vez um Rei tão exageradamente amigo de roupas novas, que nelas gastava todo dinheiro.” (s/d, p.87). Além disso, o desejo de vestir-se bem revela a necessidade de se ter uma estética perfeita baseando-se em convicções as quais valorizam a aparência, pois antigamente tinha-se a concepção de que a primeira aparência era a que realmente importava, então, era necessário apresentar-se bastante apessoado para não causar má impressão, visto que, também havia muito preconceito com a classe baixa por ser menos favorecida. Assim, as pessoas que faziam parte desta eram consideradas inferiores as demais.

Outro ponto, o qual merece destaque é o fato de haver dois personagens masculinos que se faziam passar por Artesões e enganaram o Rei dizendo que fabricavam uma roupa especial que só as pessoas capazes e inteligentes podiam ver. Conforme:

(...) havia dois trapaceiros. Apresentaram-se como tecelões e gabavam-se de fabricar os mais lindos tecidos do mundo. Não só os padrões e as cores eram fora do comum, como, também, as fazendas tinham a especialidade de parecer invisíveis às pessoas destituídas de inteligência, ou àquelas que não estavam aptas para os cargos que ocupavam. (s/d, p.87)

Então, constata-se que por serem personagens do gênero masculino, suas atitudes ao iludir o Rei é compreendido muito mais pelo ponto de vista da esperteza e perspicácia do que pela ótica da falta de caráter, demonstrado no trecho: “(...) foi ele visitar os dois astuciosos impostores.” (s/d, p.90) Ainda, notou-se que nesta época o ofício de artesão era destinado às mulheres, então o motivo de neste conto existir dois homens que exerce esta função dar-se pelo fato de que como eles ludibriaram o Rei não poderiam ser personagens femininos, pois demonstraria uma fraqueza do gênero masculino por parte do Rei.

Do mesmo modo, observou-se, que o Rei era exigente referindo-se a escolha de seus servos e devido a isso decidiu mandar produzir as fazendas para comprovar quem realmente era merecedor de exercer os cargos. Conforme:

‘Essas fazendas devem ser esplendidas, pensou o Rei. Usando-as, poderei descobrir quais os homens, no meu reino, que não estão em condições em ocupar seus postos, e poderei substituí-los pelos mais capazes ... Ordenarei, então, que fabriquem certa quantidade deste tecido para mim.’ (s/d, p.87)

Expressando assim, que apenas o Rei “representação masculina” possuía o poder indiscutível para classificar e nomear os indivíduos, em consonância com a simbologia atribuída a este personagem, a qual tem referência a um ser supremo acima das virtudes e da maldade.

Mais um novo elemento que se deve explorar são os Ministros do Rei, os quais não manifestaram ter visto a roupa que os supostos Artesões estavam produzindo, pois não queriam ser considerados incapazes e com isso serem despedidos de seus cargos. Observado em: “‘Eu penso que não sou um tolo,’ refletiu o homem. ‘Se assim fosse, eu não estaria à altura do cargo que ocupo. Que coisa estranha!’”(s/d, p.90). Verifica-se por meio desta cena, que a imagem masculina não deve manifestar qualquer tipo de atitude a qual configure a falta de perspicácia, haja vista sempre ser exigido pela sociedade patriarcal que os mesmos adotem a postura de provedor do conhecimento.

Em um dado momento no conto de fadas o Rei decide realizar um desfile para mostrar sua roupa nova e no decorrer deste descobriu que estava sendo enganando por meio da

exclamação de uma criança. Porém, mantém o desfile, mesmo passando por ridículo, haja visto estava sem roupas. Evidenciado em:

O Rei, ao ouvir esses comentários, ficou furioso por estar representando um papel tão ridículo! O desfile, entretanto, devia prosseguir de modo que se manteve imperturbável e os camareiros continuaram a segurar-lhe a cauda invisível. (s/d, p.92)

Então, embora neste acontecimento o Rei tivesse percebido estar sem roupas não permitiu que isso provocasse o fim do desfile, pois se assim fizesse, ele estaria admitindo diante de todos que foi iludido, além disso, sua posição social não aceitava que ele fosse contra as regras impostas pela sociedade, as quais não concediam que um ser masculino, principalmente o Rei, não tivesse equilíbrio para enfrentar as dificuldades.

No desfecho do conto é ocorrida a fuga dos supostos Artesões e devido a isso não são punidos por suas ações. Conforme o trecho: “Quanto aos dois supostos tecelões, desapareceram misteriosamente, levando o dinheiro e os fios de seda e ouro.” (s/d, p.92). Logo, pode-se entender que por serem homens não seria necessária a realização de um castigo, caso contrário se estas atitudes fossem de personagens femininos, elas seriam punidas severamente, pois anteriormente as mulheres que não seguissem as regras ditadas pela sociedade geralmente eram consideradas como bruxas⁷.

No conto de fadas “Rapunzel” também aborda temas conflitantes no que diz respeito à postura masculina, como no momento em que o Pai de Rapunzel decide pular o muro para pegar as beterrabas deixando transparecer sua coragem e ousadia, pois sabia que do outro lado pertencia a uma Feiticeira. Conforme em: “Ao anoitecer, pulou o murro, agarrou umas beterrabas apressadamente e levou-as à sua esposa.” (s/d, p.145)

Além disso, existia outra razão para o Pai de Rapunzel ter cedido aos desejos de sua esposa, pois esta se encontrava debilitada correndo assim, o risco de perder a criança e como ele tinha vontade de ter um primogênito decidiu não importar-se com o perigo. Assim no trecho: “Este desejo foi aumentando, dia a dia, e, quando viu que não podia obtê-las, começou de finhar, ficando pálida e enfraquecida. O marido, muito preocupado com sua transformação, perguntou-lhe: (...)” e ainda em: “O homem, que muito a amava, pensou: ‘Antes que minha esposa morra, dar-lhe-ei algumas daquelas beterrabas custe o que custar.’” (s/d, p.145)

Então, no momento o qual o Pai de Rapunzel estava pegando os legumes foi surpreendido pela Bruxa e logo ela lhe solicitou fazer uma troca das beterrabas pela criança.

⁷ Com origem no Oriente a bruxaria – crença popular da antiguidade – atribuía às mulheres poderes de feitiçaria advindas do demônio. As bruxas sofreram perseguições religiosas e condenadas eram queimadas vivas em fogueiras (Inquisição séc. XIV até o iluminismo). (ROSA, 2009. p.55)

Exposto em: “O homem, horrorizado sem saber que fazer, acabou concordando. Quando nasceu o bebê, a bruxa apareceu, e levou-o consigo e deu-lhe o nome de Rapunzel.” (s/d, p.147)

A partir deste acontecimento tornou-se visível que o Pai de Rapunzel decidiu sozinho concordar com a proposta da Bruxa, sendo assim, o mesmo não pensou no sofrimento de sua esposa demonstrando sua autoridade. Logo, este pode ter concordado teriam um plano para recuperar a criança, mas quando viu que o seu primogênito era do sexo feminino deixou que a Bruxa criasse a criança, visto que neste período havia a concepção que as filhas apenas traziam despesas aos pais, outra perspectiva que rodeia este episódio é que o Pai afirmou um trato com Feiticeira e com isso não poderia descumprir sua palavra.

Outro personagem masculino neste conto é o Príncipe, o qual aparece na história no momento em que está passeando pela floresta, transmitindo sua vontade de efetuar novas descobertas fato que ocorre quando ouve uma linda melodia instigando sua curiosidade, além disso, ele encontrava-se sozinho, ou seja, destemido e valente. Como é afirmado em: “Dois anos depois, aconteceu que o filho do rei, passeando na floresta, passou pela torre e ouviu uma canção muito melodiosa. (...) O filho do rei ficou tão maravilhado que quis subir à torre, para ver quem cantava assim, mas não encontrou porta, nem escada.” (s/d, p.148)

No final da história o Príncipe casa-se com Rapunzel, acontecimento almejado em todo conto. Mencionado em: “Foram juntos para o palácio, onde casaram e nunca mais se separaram.” (s/d, p.151). Esse acontecimento simboliza a estabilidade remetendo assim a ideia que Rapunzel só seria realmente feliz ao consolidar matrimônio, ou seja, a figura masculina é tida como sinônimo de reconhecimento da mulher diante da sociedade.

No conto “A Princesa Real” é exposta a vontade do Príncipe em casar-se com uma princesa legítima. Confirmado em: “Era uma vez um príncipe que queria se casar com uma princesa, mas tinha de ser uma princesa de verdade!”. (s/d, p.110) E com isso revela a exigência masculina no que diz respeito a sua futura esposa, pois se tem a ideia de que a mulher deve possuir características e habilidades para cuidar do ambiente familiar, além disso, o Príncipe também demonstra ser persistente para ir à busca de seus objetivos. Certificado em: “Viajou por todo o mundo para encontrá-la, mas nenhuma preenchia suas exigências.” (s/d, p.110)

Em uma análise observa-se que ao baterem na porta do palácio o Rei automaticamente foi abri-la. Exposto em: “Em meio ao temporal medonho, alguém bateu à porta do castelo, e o próprio rei se apressou em abri-la.” (s/d, p.110) Essa atitude revela sua autoridade e a hierarquia existente no âmbito familiar, a qual o homem ocupa a maior posição.

Outro enfoque é a consolidação matrimonial. Veja em: “O príncipe casou-se com ela (...)” (s/d, p.111) A qual expõe a visão referente à estabilidade que o Príncipe favoreceu a

Princesa Real, difundindo assim a ideia que o ser masculino representa uma posição estável na sociedade para o gênero feminino.

Mediante a tudo que foi comentado, tornou-se notório que estes papéis masculinos podem ser interpretados como forma de escravizar o homem, haja vista que ao nascer já lhe é imposto adaptar-se as inúmeras regras presentes na sociedade para então cumprir os padrões tradicionalistas. Como é afirmado quando Rouco expõe que:

Os homens também podem ser analisados como prisioneiros dessas exigências sociais e pautas culturais dominantes que os colocam em situação contínua de demonstrar sua masculinidade, condição de honra e identidade, não só frente às mulheres, mas também a seus pares. Um exercício sistemático e tenso de virilidade. (ROUCO, 1999, p.186)

Contudo, percebe-se que os contos de fadas também apresentam valores que de uma certa forma rompem a ideologia patriarcal apontando assim para um novo panorama da concepção do ser masculino.

O Ser Masculino Na Desconstrução Da Perspectiva Patriarcal

Os contos de fadas não podem ser observados por uma ótica generalizada, pois eles não seguem uma regra fixa a respeito das representações dos gêneros, haja vista nem sempre demonstrarem uma linearidade em relação aos personagens. Sendo assim, em alguns episódios ocorridos nos objetos da pesquisa, notou-se que os personagens masculinos em determinados momentos desviaram-se dos padrões instituídos, caracterizado assim, a ruptura dos paradigmas masculinos nos contos de fadas analisados.

Então, é perceptível a comprovação destes conceitos quando no conto “A Roupas Nova do Rei” é revelado que o Rei não se importava com outras ocupações de seu reino a não ser com suas roupas. Como em:

Ele não se preocupava com seus soldados, com o teatro ou com os passeios pela floresta, a não ser para exibir roupas novas. (...) Em vez de o povo dizer, como de costume, com relação a outro Rei: ‘Ele está em seu gabinete de trabalho’, dizia: ‘O Rei está no seu quarto de vestir.’ (s/d, p.87)

Portanto, é esperado que o Rei sempre esteja à frente das tarefas referente ao comando do reino, visto que é o homem “Rei” quem assume o papel dominador dos grupos sociais. Entretanto neste conto é quebrado esse conceito de que o personagem masculino sempre dever ser responsável pelas decisões do reino, mostrando assim que nesta época o pensamento patriarcal já estava passando por declinações, deixando espaço para novas perspectivas do ser masculino.

Além disso, em outro fato o Rei mandou os Ministros ir primeiro para verem a roupa, haja visto ter ficado com medo de não conseguir vê-la e posteriormente quando deparou-se com a roupa afirmou ter enxergado, apesar de não conseguir ver a mesma. Certificado em:

- Eu gostaria de saber como vai indo o trabalho dos tecelões, pensou o Rei. Entretanto, sentiu-se um pouco embaraçado ao pensar que quem fosse estúpido, ou não tivesse capacidade para ocupar seu posto não seria capaz de ver o tecido. Ele não tinha propriamente dúvidas a seu respeito, mas achou melhor mandar alguém primeiro, para ver o andamento do trabalho. (s/d, p.88)

E ainda em: “- Que beleza! Realmente merece minha aprovação. Por nada deste mundo ele confessaria que não tinha visto coisa alguma.” (s/d, p.90)

Desta forma, entende-se que o Rei tomou essas deliberações por medo de não conseguir ver a roupa. Então, isso demonstra a realidade da representação masculina, pois não é admitido que o homem tenha medo ou demonstre não ter conhecimento.

No final deste conto o Rei também fica envergonhado por ter passado por ridículo diante de todos e decidiu nunca mais sair do palácio, perceptível em: “Depois que tudo terminou, ele voltou ao palácio, de onde envergonhado, nunca mais quis sair.” Esse acontecimento remete a concepção de que o gênero masculino também possui falhas, devido ser uma criatura humana, sujeito a fraquezas, visto que ele não desenvolveu nenhum artifício para reverter à situação.

Em outra análise partindo do conto “Rapunzel”, notou-se que o Pai de Rapunzel ficou apavorado quando deparou-se com a bruxa, veja em: “ O homem, horrorizado, sem saber o que fazer, acabou concordando.”(s/d, p.147). Isso pode ter ocorrido pelo fato de que naquela época as Feiticeiras eram bastante temidas, haja vista que as mesmas eram consideradas seres que instituíam os poderes sobrenaturais através dos ritos mágicos, com a finalidade de ultrapassar os conceitos "morais" da época, cujo um dos objetivos é interferir no estado psicológico e físico de outro indivíduo.

Outro ponto que deve ser explorado é o fato do Príncipe não ter enfrentado a bruxa no momento que subiu na torre e deparou-se com a mesma, como é visto em: “O rapaz desesperado, atirou-se da torre abaixo.” (s/d, p.150). Essa atitude revela o quanto o Príncipe ficou atormentado diante desta situação e ainda por pensar que nunca mais veria Rapunzel, então ao cair da torre o Príncipe ficou cego, pois caiu em cima de espinhos e devido a isso ficou vagando pelo deserto, até que um dia ouviu a doce voz de Rapunzel e ao se encontrarem ela chorou de emoção e as lágrimas fizeram com que o Príncipe voltasse a enxergar. Como é exposto em: “Atirou-se ao seu pescoço e chorando. Duas de suas lágrimas caíram nos olhos do príncipe, e imediatamente êle viu tudo claro, como antes.” (s/d, p.151). Esse episódio do conto deixa transparecer certa dependência do Príncipe em relação à Rapunzel, pois ele precisou das lágrimas

dela para curar sua cegueira, porém esse enfoque dar-se pelas vias românticas para consolidar o amor existente entre eles.

No conto “A Princesa Real”, o Príncipe foi em busca de uma legítima Princesa em toda parte do mundo, porém ele não conseguiu encontrar e volta sem perspectiva. Afirmado em: “Numa faltava isso, noutra faltava aquilo, e nada de encontrar a princesa ‘de verdade’ que estava procurando. Por fim, desistiu da busca e voltou para casa, triste e abatido, sem saber se um dia haveria de encontrar aquela com quem pudesse se casar.” (s/d, p.111) Caracterizando sua imaturidade porque diante da dificuldade de achar a Princesa perfeita ficou sem esperança e assim desistiu da procura. Com isso, é demonstrado também que a figura masculina possui baixa estima no que se refere a busca de um amor verdadeiro, haja visto o Príncipe não acreditar em sua capacidade de conseguir encontrar uma Princesa, a qual poderia apaixonar-se por esta.

Mediante a todos os comentários tecidos anteriormente, é perceptível que os contos analisados apresentam uma pluralidade no que diz respeito as representações dos gêneros. Logo, um gênero não se sobrepõe a outro, ou seja, existem papéis diversificados em momentos diferentes e isso proporcionou uma nova visão diante dos objetos de pesquisa, haja visto a análise ter apontado para duas faces das representações masculinas, demonstradas por meio dos mais variados personagens. Sendo assim, observou-se que apesar destes contos terem sido escritos há muitos anos, os mesmos possuem conceitos existentes na sociedade atual, as quais difundem valores que instituí o homem a tornar-se participativo das relações conjugais e familiares.

Construções Simbólicas da Família

Por meio da análise dos objetos de estudo é perceptível que o gênero masculino possui uma pluralidade de papéis, os quais têm como construções simbólicas, com isso definem os valores comportamentais dos personagens. Sendo assim, no conto “Rapunzel”, foi observado que o mesmo possui parcialmente estas representações evidenciadas pelos pais de Rapunzel e o Príncipe.

Assim, o Pai de Rapunzel abrange dois papéis: de marido o qual em parte desempenhou com êxito, no episódio em que se preocupou com sua esposa quando a mesma estava sofrendo com os excessos de desejos da gravidez, reforçando assim a ideia que se tem acerca da função de esposo, a qual atribui a este o dever de cuidar, proteger, manter e amar a esposa. Contudo, houve um instante em que o Pai de Rapunzel não se importou com os sentimentos de sua esposa, pois decidiu sozinho dar sua filha a Feiticeira, indo contra a visão atual de que o homem deve compartilhar seus anseios com sua companheira, mas isso não ocorreu devido nesta época a doutrina patriarcal ser bastante rigorosa.

O outro papel desempenhado pelo personagem é a posição de pai, neste o mesmo não cumpriu com suas obrigações paternas, visto que ao nascer a criança, o mesmo não hesitou em entregá-la à Bruxa, haja vista que isso deu-se pelo fato da criança ter nascido do sexo feminino, então o Pai não fez questão em criá-la, ainda este tinha um trato a cumprir com a Bruxa e não ousaria descumprir-lo porque ele deveria honrar sua palavra deixando assim, de desenvolver o papel de pai.

Por sua vez, nos contos “Rapunzel” e “A Princesa Real” os Príncipes também ambicionavam a construção familiar, visto que ambos viviam no meio social onde o homem de bem deveria possuir uma família, pois um homem casado, manifesta a ideia de maturidade e a capacidade para cumprir com as responsabilidades.

Porém, no conto “A Roupas do Rei” o homem é representado de forma a simbolizar o “ser masculino” em outra abordagem, pois em nenhum momento é mencionado que o rei possuía família, ou possuísse uma pessoa querida a quem ele pudesse cuidar, mas isso não é visto como problema, haja vista este acontecimento soar mais pelo lado da autonomia masculina.

Desta forma, entende-se que as representações masculinas nos contos abordados, enquanto pai e marido, não seguiram as regras impostas pela sociedade da época, mostrando que os mesmos podem passar por diversas modificações com o decorrer do tempo. Sendo assim no contexto social atual em muitas famílias o homem assume algumas responsabilidades antes instituídas às mulheres, porém em outras famílias a função do pai ainda prende-se apenas em ser o exemplo seguido por seus filhos e responsabilizar-se pelo sustento destes.

Portanto, nos dias atuais a estrutura familiar encontra-se mais diversificada, haja visto não haver mais um padrão único para a sua formação é comum se verificar famílias constituídas apenas com mães ou pai e filhos, casais homoafetivos e filhos, casais heteroafetivos e heteroafetivos sem filhos por opção, enfim são inúmeras as possibilidades que consiste um novo modelo. Isto é confirmado, a partir dos dados do IBGE⁸ que apontam o crescimento destas novas tendências familiares.⁹

Discutir a respeito do papel exercido pelo gênero masculino na sociedade contemporânea é bastante difícil, uma vez que o âmbito social constantemente passa por transformações influenciando dessa maneira os papéis instituídos para cada gênero, com isso não se pode mais recorrer aos conceitos tradicionais para analisar as representações masculinas. Além disso, os gêneros (masculino e feminino) estão cada vez mais indissociáveis, tornando impossível comentar sobre o gênero masculino sem enfatizar essas modificações.

⁸ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

⁹ Informações no anexo X.

Problemáticas Do Gênero Masculino

O século XXI está imerso no processo de explosão informacional impulsionado pela globalização, onde a vida em sociedade é afetada pelas transformações econômicas, culturais, étnicas e políticas influenciando assim, a busca de uma nova identidade.

Sendo assim, em meados do século XX, com os movimentos feministas¹⁰ a expressão “Gênero” surge na procura de conceituar “homens” e “mulheres” e com o passar dos tempos foi sendo aceito e caracterizado como uma nova maneira de referirem-se a eles, levando em consideração também os aspectos biológicos. É válido ressaltar, entretanto, que ao se falar de gênero deve-se entender o pensamento de masculino e feminino mediante as diferenças sociais, culturais e construções sexuais, aspectos estes que direta ao indiretamente influenciam na formação da identidade do sujeito. Butler corrobora essa ideia quando diz que:

O gênero torna-se o lugar dos significados culturais tanto recebidos como inovados. E ‘escolha’, nesse contexto, vem a significar um processo corpóreo de interpretação no seio de uma rede de normas culturais profundamente entranhadas. Quando o corpo é concebido como um lugar cultural de significados de gênero, torna-se obscuro que aspectos desse corpo são naturais ou isentos de marca cultural. (BUTLER, 1987, p.140)

Então, no que diz respeito à representação do ser masculino, percebe-se que no ocidente contemporâneo o gênero masculino vem perdendo espaço no grupo social, haja vista não desempenhar mais sozinho algumas ações que antes eram exercidas apenas por ele, pois em contrapartida, a mulher por meio de reivindicações está cada vez mais inclusa nos sistemas sociais vigentes, o que lhe é conferida uma nova identidade. Segundo Castells (2000) a identidade é a fonte de significado e experiências de um povo, baseia-se na coletividade e na teoria sociológica de que toda e qualquer identidade é construída e destaca ainda que é necessário o surgimento da identidade de projeto capaz de reconstruir uma nova sociedade civil.

Mediante ao exposto, o papel masculino na sociedade vem sofrendo inúmeras modificações, visto que o homem agora divide as responsabilidades familiares com as mulheres e muitas vezes as têm como colegas e/ou chefes no trabalho e com essas novas possibilidades os mesmos devem construir uma nova identidade para conseguir conviver em sociedade.

Sendo assim, no conto “Rapunzel” é relatado um episódio demonstrando que por mais resistente que fosse o pensamento patriarcal na época em que foi escrito o conto, em algumas

¹⁰ Feministas do século XIX que acharam nos ideais democráticos de igualdade e liberdade — que assinalaram a mudança da Europa feudal em uma economia industrial — um corpo de doutrina sistemático e coerente a partir do qual argumentar em favor dos direitos das mulheres.

Esses ideais, refletidos e inspirados pelas revoluções burguesas nos Estados Unidos e na França, adquiriam forma nos escritos políticos de filósofos como Locke, Rousseau e Bentham. Todos os homens deviam ser portadores dos mesmos direitos; todos os homens deviam ser iguais perante a lei que só entraria em vigor com o consentimento dos que deveriam obedecê-la. (NYE, 1939, p.18).

situações já havia indícios os quais constatavam que o homem mantinha uma relação de simetria com a mulher. Visível quando o Príncipe estava cego e se encontrou com Rapunzel e após a mesma ter chorado deixou cair lágrimas nos olhos dele ocasionando sua cura, neste acontecimento pode ser compreendido também pela ótica da possível dependência do Príncipe em relação à Rapunzel.

Então, de acordo com a análise dos contos observou-se que a figura masculina por diversas vezes é representada de maneira a expor alguns novos conceitos presentes na atualidade, como o fato do Rei, personagem do conto “A Roupas Nova do Rei” ser vaidoso, uma característica que atualmente vem repercutindo inúmeras discussões, visto que os grupos sociais cobram cada vez mais dos sujeitos uma boa aparência a fim de fazer transparecer que o mesmo obtém saúde e estética perfeitas e assim serão produtivos no mercado de trabalho.

As mulheres entraram em peso no mercado de trabalho. O resultado disso é que os marmanjos passaram a ter a necessidade de se cuidar, não só para disputar as vagas de emprego de igual para igual no quesito elegância, como também para agradar as agora chefes e diretoras de empresas. (FLESCH, 2005, p. 26).

Sendo assim, os papéis sociais determinados para cada representação masculina e feminina estão passando por significantes mudanças no cenário ocidental e devido a isso cresce os conflitos que permeiam as definições sociais dos gêneros.

Considerações Finais

O presente trabalho proporcionou o favorecimento da ampliação de diversos conhecimentos, uma vez que ao elaborá-lo pode-se realizar um estudo da literatura perpassando pelo universo dos contos de fadas e com isso tornou-se perceptível que estes são repletos de sentidos e possuem uma gama de significados entrelaçados em seus enredos.

Desta forma ao analisar estes aspectos observou-se que mesmo os contos de fadas reproduzirem o cotidiano em que seus autores os escreveram, fazem menção a realidade atual, pois os conceitos sobre a maneira de pensar e agir dos indivíduos ainda não mudou totalmente, ou seja, apesar de se viver em uma sociedade globalizada a maioria dos sujeitos dos gêneros masculinos ainda possuem atitudes que espelham a ideologia patriarcal. Porém estes também em algumas situações portam-se de forma a romper esse pensamento, pois com a revolução feminista a qual conseguiu conquistar espaço e posição social para as mulheres fez com que os sujeitos masculinos tivessem que adaptar-se com essa nova realidade, transformando seus valores de maneira a conceber que estes agora sejam capazes de errar e admitir estes, poderem ser vaidosos sem despertar preconceito sobre sua masculinidade, demonstrar seus sentimentos, etc.

Referências

- ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices (pensando e ação no magistério) / Fanny Abramovich. - São Paulo: Scipione, 1997.
- ANDERSEN, Hans Christian. Tradução e adaptação de Vera Braga Nunes. A roupa do Rei. In: VÁRIOS AUTORES. Tradução e adaptação de Vera Braga Nunes. Mundo da Criança. Rio de Janeiro: Delta.
- _____, Hans Christian. Tradução e adaptação de Vera Braga Nunes. A Princesa Real. In: VÁRIOS AUTORES. Tradução e adaptação de Vera Braga Nunes. Mundo da Criança. Rio de Janeiro: Delta.
- BETTELHEIM, Bruno. A Psicanálise dos Contos de Fadas. 22. ed. Tradução: Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e gênero. In: BENHABIB, Seyla e CORNELL, Drucilla (Orgs). Feminismo como crítica da modernidade (N. Caixeiro, trad.). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.
- CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. Tradução Klaus Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 530p. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, 2).
- FIORIN, José Luiz. Linguagem e Ideologia. São Paulo- Editora Ática, 2001.
- FLESCH, José Noberto; BUCCO, Rafael Bravo. A vez do homem. Revista Universo Masculino, São Paulo, ano 2, número 6. 26-27. 2005.
- FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 1996. (Trad. Laura Fraga de Almeida)
- FRANZ, Marie – Louise Von. A interpretação dos contos de fada: Uma introdução à psicologia dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.
- FROMM, Erich. A linguagem esquecida: Uma introdução ao entendimento dos sonhos, contos de fadas e mitos. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.
- GRIMM, Wilhelm, GRIMM, Jakob. Tradução e adaptação de Vera Braga Nunes. Rapunzel. In: VÁRIOS AUTORES. Tradução e adaptação de Vera Braga Nunes. Mundo da Criança. Rio de Janeiro: Delta.
- LINS, Regina Navarro. A Cama na Varanda. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- MACHADO, Fábio Ribeiro. Grupo de homens: repensando o papel masculino na sociedade contemporânea – Revista Científica de Psicologia / Maceió – AL; 2008.
- ORLANDI, Eni P. Análise do Discurso: princípios e procedimentos, Eni p. Olandi, 8ª Edição. Campinas. SP: Pontes, 2009.
- PERRAULT, Charles. Contos de Perrault. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.
- ROUCO, Juan Nosé Meré. Sexualidade e mudanças de comportamento: uma estratégia lúdica de prevenção da AIDS. In: HEILBORN, Maria Luiza (Org.). Sexualidade: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.
- VIDAL, Fernanda Fornari. Os “Novos Contos de Fadas” Ensinando sobre Relações de Gênero e Sexualidade - ST 44 - Questões de gênero na produção cultural para crianças: literatura infantil, filmes, desenhos, sites, publicidade e outros artefatos culturais; Florianópolis – UFRGS, 2008.

ABSTRACT: This article discusses the speech of males in fairy tales "Rapunzel" by Hans Christian Andersen, "The Real Princess" and "The King's New Clothes" by Jakob and Wilhelm Grimm, respectively, making a study of the characters, paying attention to the construction of representations of this genre. It was concluded that the discourses employed in the tales in question have traces of patriarchal conception, but not entirely, there is seen in some time this conception be demystified through the attitudes of the characters of the stories. For this discussion were used the theories Orlandi (2009) and Abramovich (1997).

Keywords: Fairytales, Male Speech, patriarchal conception, Genre.